

## **ESPAÇO, TERRITÓRIO E LUGAR: CONTRIBUIÇÕES DA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA PARA A ESCOLA SUSTENTÁVEL**

- **Temática: Educación geográfica.**

**Icléia Albuquerque de Vargas**

UFMS/BRASIL - [icleiavargas@yahoo.com.br](mailto:icleiavargas@yahoo.com.br)

**Angela Maria Zanon**

UFMS/BRASIL – [zanon.ufms@gmail.com](mailto:zanon.ufms@gmail.com)

**Suzete Rosana de Castro Wiziack**

UFMS/BRASIL - [swiziack@gmail.com](mailto:swiziack@gmail.com)

**Ana Paula Correia de Araújo**

UFMS/BRASIL - [anapaula\\_rj@yahoo.com](mailto:anapaula_rj@yahoo.com)

**Mara Aline Ribeiro**

UFMS/BRASIL - [mara\\_aline@yahoo.com.br](mailto:mara_aline@yahoo.com.br)

O programa “Escolas Sustentáveis”, desenvolvido no Brasil desde 2011, por meio de parcerias entre setores responsáveis pela educação ambiental no Ministério da Educação e algumas universidades públicas de diferentes regiões do país, consta de processos formativos em educação ambiental para professores e comunidades escolares, visando à melhoria da qualidade da educação, bem como a geração de atitudes responsáveis e comprometidas com as questões socioambientais locais e globais. A ideia do fomento de espaços educadores sustentáveis no Brasil foi impulsionada pela Política Nacional sobre Mudança do Clima (PNMC) - lei sancionada em 2009, estabelecendo medidas em caráter de “compromisso nacional voluntário” com vistas a reduzir as emissões brasileiras de gases de efeito estufa. O programa foi construído a partir da premissa de que toda escola deve ser um espaço com intenção de educar para a sustentabilidade socioambiental, sendo necessário investir no currículo, na gestão e no espaço (prédio físico da escola e seu entorno), considerando a escola como local privilegiado para o desenvolvimento do pensamento crítico sobre a realidade socioambiental. Também é destacada a necessidade de se estimular, junto à comunidade escolar, o sentimento de pertencimento ao lugar. Aliás, nesta formação, espera-se que o participante possa compreender a escola e seu lugar de forma contextualizada e perceber-se enquanto sujeito – produto e produtor do espaço escolar – capaz de interceder nos processos de transformação do meio socioambiental em busca de melhor qualidade de vida, reconhecendo a relevância da interação da escola com a comunidade e valorizando a configuração escolar e suas relações com o espaço maior, o entorno. Ao final da formação, os cursistas desenvolvem, dentre outros produtos, o mapa socioambiental da escola e da comunidade, em qualquer linguagem, desde que registrada, destacando a importância do espaço escolar e do lugar da escola na comunidade. Este mapeamento subsidia o projeto de escola sustentável que se pretende. Nesse sentido, o processo formativo se ampara em alguns conceitos muito importantes na educação geográfica, como espaço, território e lugar. Portanto, neste ensaio, pretende-se analisar a relevância desses conceitos geográficos para o processo formativo em referência. O estudo se apoiará em pesquisas bibliográficas, tendo como principais referenciais: Santos (2002), Callai (2005, 2010), Carlos (2007), Haesbaert (1999), Tuan (1983). Os resultados

contribuirão para o aprimoramento do processo formativo no âmbito da área de abrangência da Universidade federal de Mato Grosso do Sul.

**Palavras-chave:**

Educação geográfica; escolas sustentáveis; espaço escolar, lugar.

**RESUMEN**

El programa "Escuelas Sustentables" , desarrollado en Brasil desde 2011, a través de asociaciones entre los sectores responsables de la educación ambiental en el Ministerio de Educación y algunas universidades públicas en diferentes regiones del país, se compone de los procesos de formación de la educación ambiental para maestros y comunidades escolares, destinado a mejorar la calidad de la educación, así como la generación de responsables y comprometidos con temas actitudes ambientales locales y globales. La idea de fomentar educadores sostenibles espacios en Brasil fue impulsado por la Política Nacional sobre el Cambio Climático (PNCC) - ley promulgada en 2009, que establece medidas de carácter de "compromiso nacional voluntario" con el fin de reducir las emisiones brasileñas de gases de efecto invernadero. El programa se basa en la premisa de que cada escuela debe ser un lugar con la intención de educar para la sostenibilidad social y ambiental, es necesario invertir en el plan de estudios , la gestión y el espacio (edificio de la escuela física y sus alrededores), considerando a la escuela como lugar privilegiado para el desarrollo de un pensamiento crítico sobre la realidad socioambiental. La necesidad de estimular, junto a la comunidad escolar, el sentimiento de pertenencia al lugar también se pone de relieve. Por cierto, en esta capacitación, se espera que el participante puede entender la escuela y su lugar en el contexto y a percibirse a sí mismos como sujetos - producto y productor del ambiente escolar - capaz de interceder en los procesos de transformación ambientales medias en busca de mejor calidad de la vida , reconociendo la importancia de la interacción de la escuela con la comunidad y valorar el entorno escolar y sus relaciones con el espacio más grande , los alrededores. Al final de la capacitación , los participantes del curso se desarrollan, entre otros productos , el mapa ambiental de la escuela y la comunidad , en cualquier idioma , siempre que registró , destacando la importancia del espacio escolar y coloque la escuela en la comunidad . Este mapeo subvenciona proyecto escolar sostenible previsto. En este sentido, el proceso de formación mantiene a sí misma con algunos conceptos muy importantes en la educación geográfica tales como el espacio, el territorio y el lugar. Por lo tanto, este ensayo tiene por objeto analizar la pertinencia de los conceptos geográficos para el proceso de formación en cuestión . El estudio se basa en la búsqueda bibliográfica, las principales referencias: Santos (2002), Callai (2005, 2010), Carlos (2007), Haesbaert (1999), Tuan (1983). Los resultados contribuirán a la mejora del proceso educativo dentro del área de cobertura de la Universidad Federal de Mato Grosso do Sul.

**Palabras clave:**

La educación geográfica; escuelas sostenibles; espacio de la escuela; el lugar .

## 1. O Programa Escolas Sustentáveis no Brasil

O programa “Escolas Sustentáveis” vem sendo desenvolvido no Brasil desde 2011, por meio de parcerias entre a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI), do Ministério da Educação, com a participação direta de algumas universidades públicas de diferentes regiões do país<sup>1</sup>. Consta de processos formativos em educação ambiental para professores e comunidades escolares, visando à melhoria da qualidade da educação, bem como a geração de atitudes responsáveis e comprometidas com as questões socioambientais locais e globais.

A ideia do fomento de espaços educadores sustentáveis no Brasil foi impulsionada pela Política Nacional sobre Mudança do Clima (PNMC) - lei sancionada em 2009, estabelecendo medidas em caráter de “compromisso nacional voluntário” com vistas a reduzir as emissões brasileiras de gases de efeito estufa.

O programa foi construído a partir da premissa de que toda escola deve ser um espaço com a intenção de educar para a sustentabilidade socioambiental, sendo necessário investir no currículo, na gestão e no espaço (prédio físico da escola e seu entorno).

Em relação ao currículo, há a recomendação de inclusão de conhecimentos, saberes e práticas consideradas sustentáveis no Projeto Político-Pedagógico das instituições de ensino e em seu cotidiano a partir de abordagens contextualizadas na realidade local, estabelecendo nexos e vínculos com a sociedade global. Enquanto que para a gestão escolar é esperado o compartilhamento do planejamento e das decisões referentes ao destino e rotinas da escola, com aproximação da comunidade escolar e seu entorno, respeitando os direitos humanos e valorizando a diversidade cultural, étnico-racial e de gênero existente. Já, o investimento no espaço físico escolar prevê o uso de materiais mais adaptados às condições locais e de projeto arquitetônico que vise à criação de edificações dotadas de conforto térmico e acústico, que garantam acessibilidade, gestão eficiente da água e da energia, saneamento e destinação adequada de resíduos. Esses espaços físicos devem promover a convivência da comunidade escolar, estimular a segurança alimentar e nutricional, favorecer a mobilidade sustentável e respeitar o patrimônio cultural e os ecossistemas locais (BRASIL, 2013).

---

<sup>1</sup> Três instituições de ensino superior da rede federal participam desse Programa desde 2011: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Hoje, outras instituições vêm aderindo ao Programa.

Parte-se da ideia, portanto, de se considerar a escola um local privilegiado para o desenvolvimento do pensamento crítico sobre a realidade socioambiental. Também é destacada a necessidade de se estimular, junto à comunidade escolar, o sentimento de pertencimento ao lugar.

Os cursistas são motivados a compreender e potencializar seu engajamento individual, em seguida o engajamento coletivo na escola e na sua comunidade que deve culminar com formas de transformação da escola almejando a sustentabilidade, inclusive com mudanças no espaço físico da instituição escolar.

A formação, hoje desenvolvida em várias regiões do país, é ofertada por meio de uma associação entre várias universidades públicas brasileiras, organizada em três módulos integrados e interdependentes, a saber:

**Módulo I – Eu, engajamento.** Neste módulo o cursista é levado a refletir sobre si mesmo e sua participação no mundo. Realiza o exercício de levantar a sua “pegada ecológica”, refletindo sobre suas marcas no mundo derivadas da realização de suas necessidades e desejos. Na sequência, levanta sua autobiografia e a história de sua família, destacando as relações com o ambiente.

**Módulo II – O Outro, nossa responsabilidade na escola.** Após refletir sobre sua participação no mundo, o cursista é levado a pensar no Outro, como um exercício de alteridade e de responsabilidade. É neste Módulo que os conceitos geográficos são mais destacados, pois o cursista é levado a perceber a escola como um lugar no mundo, o espaço escolar como um território dotado de características físicas, políticas, sociais e culturais. É quando são ressaltadas as diretrizes e pactos traçados pelo Projeto Político Pedagógico da escola e vislumbradas as transformações da realidade socioambiental local a partir da implantação da Comissão de Meio Ambiente e Qualidade de Vida na Escola (Com-Vida) - comissão que possui a função de promover o intercâmbio entre a escola e a comunidade -, assim como da produção do mapeamento socioambiental da escola.

**Módulo III – Mundo, comunidade e ecotécnicas para a sustentabilidade.** Neste módulo o cursista protagoniza as transformações da escola em espaço educador sustentável, partindo da planta baixa do espaço físico, empreendendo o projeto da escola que se quer, utilizando um “cardápio” de técnicas/modelos de

construção disponibilizado pela formação. Por fim, o cursista e seu coletivo têm a oportunidade de materializar uma proposta de intervenção na realidade escolar

Neste ensaio, portanto, pretende-se analisar a relevância dos conceitos geográficos de espaço, território e lugar para esse processo formativo em vigor que hoje se configura como uma política pública da educação brasileira.

## 2. A Escola como Espaço, Território e Lugar

Há grande expectativa, nesta formação, de que o participante possa compreender a escola e seu lugar de forma contextualizada e perceber-se enquanto sujeito – produto e produtor do espaço escolar – capaz de interceder nos processos de transformação do meio socioambiental em busca de melhor qualidade de vida, reconhecendo a relevância da interação da escola com a comunidade e valorizando a configuração escolar e suas relações com o espaço maior, em diferentes escalas, o entorno da escola, o bairro, a cidade, seu país, o mundo.

Ao final da formação, os cursistas desenvolvem, dentre outros produtos, o mapa socioambiental da escola e da comunidade, em qualquer linguagem, desde que registrada, destacando a importância do espaço escolar e do lugar da escola na comunidade. Este mapeamento subsidia o projeto de escola sustentável que se pretende.

É, portanto, especialmente nesse sentido, que emergem com maior força as contribuições da educação geográfica para a proposta de escola sustentável.

Ressalta-se a relevância do conhecimento geográfico enquanto conteúdo do currículo escolar, sendo a Geografia, no Brasil e muitos países, disciplina obrigatória em todos os níveis da educação básica.

Quando a formação Escolas Sustentáveis propõe reflexões sobre a escola, seu lugar e seu entorno, pensamos, com o apoio de Callai (2010, p. 26), que esse entorno não se restringe aos espaços de vizinhança, mas a tudo aquilo que diz respeito à vida dos alunos e das pessoas com quem convive; é o seu cotidiano, o cotidiano da comunidade escolar.

Nesse contexto das relações estabelecidas na escola, a autora destaca a configuração da cultura que emerge, permitindo às pessoas acessarem os elementos necessários para a construção de suas identidades e pertencimentos. Reporta-se a Milton Santos (1996, *apud* CALLAI, 2010) e à “força do lugar”, para questionar sobre a força do lugar da escola e os desafios impostos, pelo lugar, aos professores e estudantes. Assim, a autora coloca “a escola, o cotidiano e o lugar” como referências para o fazer pedagógico em Geografia, destacando as possibilidades, propiciadas pelos conteúdos geográficos, de interligação da escola com a vida, “considerando que a aprendizagem escolar pode ser a forma de permitir que a criança se reconheça como sujeito de sua vida, de sua história” (*Id., Ibid.*).

A autora indica a abordagem de lugar e cotidiano no contexto escolar como

[...] oportunidade de desenvolver habilidades e competências que contribuem para a formação cidadã e para a construção de conceitos constitutivos da especificidade do conhecimento geográfico e para o estabelecimento das bases da aprendizagem da geografia na escola básica (CALLAI, 2010, p. 25).

Saber ler o espaço contribui para identificar-se com ele, reconhecer-se no espaço vivido. Haesbaert (1999), ao discutir as identidades territoriais, ressalta a importância do território, enquanto espaço simbólico, social e historicamente produzido, para a construção identitária.

Para a leitura e representação do espaço e conseqüente identificação de sua relevância na construção identitária, emerge a importância da alfabetização cartográfica, de educando e educadores, que, segundo Callai (2010), corresponde a “aprender a operar com signos que expressam significados, que permitem, por sua vez, a leitura do mundo por meio da leitura do mapa” (p. 32). Enfatiza a importância do mapa como mais uma ferramenta para a leitura do mundo. Isso nos reporta à formação em referência que, conforme exposto, conduz os cursistas a pensarem o espaço, observarem e registrarem a realidade, e produzir o mapeamento da escola.

Milton Santos dedicou boa parte de sua vasta obra a explicar o espaço geográfico. Com o auxílio de Saquet e Silva (2008), que produziram um levantamento de aspectos centrais da trajetória intelectual de Milton Santos, com ênfase na sua concepção de Geografia e dos conceitos de espaço e território, tem-se que o geógrafo maior admitia o espaço sempre como uma totalidade: “conjunto de relações realizadas através de funções e formas apresentadas historicamente por processos tanto do passado

como do presente” (SAQUET e SILVA, 2008, p. 8). Resultado e condição, portanto, dos processos sociais, uma instância social que se reproduz dinamicamente - “corresponde ao espaço humano, lugar de vida e trabalho: morada do homem, sem definições fixas” (*Id. Ibid.*).

O espaço geográfico é, portanto, organizado historicamente pela própria sociedade que produz o espaço como lugar de sua própria reprodução, lugar de vida e de trabalho. Definir o espaço é tarefa árdua, admite Santos (2002), devido à dinâmica no processo histórico.

O espaço deve ser considerado como um conjunto de relações realizadas através de funções e de formas que se apresentam como testemunho de uma história escrita por processos do passado e do presente e por uma estrutura representada por relações sociais que estão acontecendo diante dos nossos olhos e que se manifestam através de processos e funções. O espaço é, então, um verdadeiro campo de forças cuja aceleração é desigual. Daí porque a evolução espacial não se faz de forma idêntica em todos os lugares (SANTOS, 2002, p. 153).

Na formação que estamos a refletir, os cursistas são levados a pensar o espaço escolar e sua inserção no espaço maior do bairro, sua forma e função configuradas historicamente. A escola como lugar de vida, de relações, de trabalho, de descobertas e produção de conhecimento. São levados também a efetuar leituras do espaço construído, pois, como nos lembra Callai (2010), este é um espaço territorializado, faz parte da vida das pessoas, que o constroem pela ação, ou pela própria passividade: o espaço como um território vivo.

A escola vista como um espaço territorializado, ou seja, um território apropriado por todos, pleno de valores que ultrapassam o campo instrumental, como os valores éticos, estéticos, espirituais e afetivos, estabelecidos pelos próprios atores ali territorializados, em infinitas relações dialéticas (RAFFESTIN, 1983, *apud* VARGAS, 2010).

Fazer a leitura da escola é, para a comunidade escolar, fazer a leitura do lugar, do território, do espaço usado, para melhor compreender o próprio mundo. Pois, como nos recomenda CARLOS (2007), o lugar é a base da reprodução da vida. Para a análise do lugar, essa autora utiliza a tríade habitante - identidade – lugar.

A cidade, por exemplo, produz-se e revela-se no plano da vida e do indivíduo. Este plano é aquele do local. As relações que os indivíduos mantêm com os espaços habitados se exprimem todos os dias nos modos do uso, nas condições mais banais, no secundário, no acidental. É o espaço passível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido através do corpo. Como o homem percebe o mundo? É através de seu corpo de seus sentidos que ele constrói e se apropria do espaço e do mundo. O lugar é a porção do espaço apropriável para a vida — apropriada através do corpo — dos sentidos — dos passos de seus moradores, é o bairro é a praça, é a rua, e nesse sentido poderíamos afirmar que não seria jamais a metrópole ou mesmo a cidade *latu sensu* a menos que seja a pequena vila ou cidade – vivida/reconhecida em todos os cantos (CARLOS, 2007, p. 17-18)

Ao destacar a necessidade de considerar o próprio corpo, por meio do qual o ser humano habita e se apropria do espaço, a autora admite a perspectiva de análise do vivido através do uso, pelo corpo. Também em Tuan (1983), se encontra a exaltação da importância do corpo para o ser humano pensar o mundo, para se situar no espaço. Para este autor, toda pessoa está no centro do seu mundo, sendo o espaço circundante diferenciado conforme o esquema de seu corpo. Destaca a importância do corpo humano, para o próprio ser humano, como medida de direção, localização e distância.

Carlos (2007) também sublinha a importância de determinados atores sociais e instituições como marcas de identidades dos lugares. No caso da cidade, ou do bairro, por exemplo: “Motorista de ônibus, bilheteiros, são conhecidos-reconhecidos como parte da comunidade, cumprimentados como tal, não simples prestadores de serviço”. Algumas instituições públicas ou privadas, em especial os estabelecimentos comerciais, “são mais do que pontos de troca de mercadorias, são também pontos de encontro” (CARLOS, 2007, p. 18).

Na cidade, a autora aponta o bairro como o espaço imediato da vida das relações cotidianas ditas mais finas:

[...] as relações de vizinhança o ir às compras, o caminhar, o encontro dos conhecidos, o jogo de bola, as brincadeiras, o percurso reconhecido de uma prática vivida/reconhecida em pequenos atos corriqueiros, e aparentemente sem sentido que criam laços profundos de identidade, habitante-habitante, habitante-lugar (CARLOS, 2007, p. 18).

No mesmo sentido encontra-se a escola, enquanto espaço cotidiano de vivência e circulação que, acima de tudo, tem o propósito de educar, socializar, integrar educandos



e educadores. É também espaço do vivido, apropriado através do corpo de cada indivíduo integrante da comunidade escolar.

Callai (2010) recomenda a transformação dos espaços escolares: “mundo da vida precisa entrar na escola, para que ela também seja viva, para que consiga acolher os alunos e dar-lhes condições de realizarem sua formação, desenvolverem um senso crítico e ampliarem suas visões de mundo” (p. 34).

A escola, antes de tudo, precisa auxiliar seus alunos a realizarem leituras de mundo, condição essencial para o exercício da cidadania. O papel da Geografia é fundamental para a leitura do mundo da vida, tarefa complexa que demanda um olhar espacial. Para Callai (2005), desenvolver o olhar espacial é, portanto, “construir um método que possa dar conta de fazer a leitura da vida que estamos vivendo, a partir do que pode ser percebido no espaço construído” (p. 238). Exige investigar as marcas inscritas nesse espaço que “refletem toda uma história, e escondem atrás de si as relações e o jogo de forças que foi travado para finalmente assumirem estas feições. A organização espacial representa muitas coisas que, por não estarem visíveis, precisam ser descortinadas” (*Id., Ibid.*).

Pensar a escola como um espaço educador sustentável é pensá-la como um espaço capaz de contribuir para a formação da identidade do educando e da coletividade escolar.

Cabe também pensar a escola enquanto um território sustentável, um lugar sustentável, induzindo o olhar para as questões próprias do território e do lugar, para as territorialidades que vão se estabelecendo a partir do lugar-escola.

### 3. A Escola e o entorno em análise no âmbito da formação

Para se estudar um espaço é necessário definir a escala de análise a ser considerada, ou seja, o recorte geográfico a se adotar - local, regional, ou global. Na proposta de formação Escolas Sustentáveis, há a indução para se adotar a escala local, ou seja, estudar o lugar, a escola. Reconfirma-se o lugar como a base da reprodução da vida e, portanto, para se compreender o mundo é preciso estudar o próprio lugar, entender o que acontece no espaço onde se vive para depois avançar em direção a outras escalas.

É enfatizado que todo espaço construído é resultado da história das pessoas, dos grupos que nele vivem, trabalham, produzem. Portanto, para o cursista estudar o próprio lugar, seu território, é necessário resgatar sua identidade territorial, evocando o sentimento de pertencimento ao lugar. Pois, compreender a Escola e o lugar da Escola também favorece a compreensão de sua própria história. Isso conduzirá o cursista a entender o que ali acontece e a perceber-se enquanto sujeito – produto e produtor do espaço.

Todo lugar é pleno de história. As pessoas que habitam o lugar estão historicamente situadas num tempo e num espaço e grande parte desenvolve vínculos com o lugar.

A Escola, enquanto um espaço de convivência e de produção de relações e de saberes, constitui-se em vigoroso espaço de construção das identidades de cada indivíduo que ali vive, assim como da coletividade.

A análise do espaço escolar pode se materializar em um texto ou pode ser representado cartograficamente - um mapeamento do lugar, representando o que existe no espaço escolar, identificado como mapeamento socioambiental da escola. Para um estudo dessa natureza é necessário, inicialmente, observar a o espaço escolar, por meio de visitas diretas, ou, ainda, pela observação/consulta de representações espaciais: fotografias, vídeos, mapas, plantas, memoriais descritivos. Essas atividades contribuem para identificar as relações estabelecidas no espaço entre os vários grupos sociais e destes com o meio natural e com o meio produzido.

Na produção do mapeamento socioambiental da escola - levantamento e registro da situação socioambiental da Escola em seus diversos aspectos, revelando características próprias, vocações, origens e consequências dos problemas vivenciados pela comunidade escolar, o cursista é oportunizado a contextualizar a situação real, expressando as relações produzidas/vivenciadas no espaço escolar e seu entorno. Tal atividade favorece a compreensão crítica, contribui para a reflexão sobre a realidade, a percepção dos problemas e das oportunidades, a visualização/constatação do grau de interferência humana no ambiente. Ao aprofundar a compreensão do espaço estudado, o cursista é levado a protagonizar os processos de transformação da realidade.

Então, o mapeamento socioambiental da Escola deverá ser a síntese do espaço da Escola, produzido a partir de observações, de informações, de dados coletados. O resultado, o mapa pronto, será sempre uma importante fonte de informações. Situada em uma comunidade, em um território, a Escola também detêm histórias, manifestações culturais, religiosas, saberes próprios. Assim, o mapeamento socioambiental de escola analisada pelo cursista será sempre único, a representação da síntese da realidade Escola-Comunidade.

Nessa atividade de mapeamento socioambiental da escola é sugerida ao cursista a realização de levantamentos da percepção ambiental dos usuários da escola, investigando como a concebem enquanto um espaço de estudos, de convivência e de vida, de forma a desenhar o perfil da comunidade escolar e sua relação de pertencimento ao lugar.

Sugere-se, como roteiro para o a organização do Mapeamento Socioambiental da Escola: caracterizar a localização da Escola no espaço maior – se é escola urbana, ou rural, em qual bairro; identificação do raio de ação da escola; razão/fundamentos da escolha de seu nome; história da escola (fotos, documentos, história oral); condições naturais e sociais do espaço onde se localiza; meios de locomoção usados para se chegar à escola – (observações, entrevistas).

#### 4. Considerações

Ao refletir sobre as contribuições de conceitos (e métodos) da educação geográfica para a formação Escolas Sustentáveis, formação voltada para comunidades escolares em curso no Brasil desde 2011, admite-se a relevância dos conhecimentos da Geografia, enquanto ciência e enquanto disciplina escolar, para a projeção (e construção) de espaços educadores sustentáveis, aqueles que têm a intenção de educar para a sustentabilidade socioambiental.

Os cursistas participantes são levados a compreender a escola e seu lugar de forma contextualizada e perceberem-se enquanto sujeitos – produtos e produtores do espaço escolar e de outros espaços de vivência. São também estimulados a interceder nos processos de transformação do meio socioambiental em busca de melhor qualidade

de vida, reconhecendo a importância da interação da escola com a comunidade e valorizando a configuração escolar e suas relações com o espaço maior, o entorno.

Ao desenvolvem, dentre outros produtos, o mapeamento socioambiental da escola e da comunidade, destacando a importância do espaço escolar e do lugar da escola na comunidade, materializam uma proposta real de transformação do espaço em direção ao projeto de escola sustentável que se pretende.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Manual Escolas Sustentáveis**. Resolução CD/FNDE n o 18, de 21 de maio de 2013. Disponível em: [http://pdeinterativo.mec.gov.br/escolasustentavel/manuais/Manual\\_Escolas\\_Sustentaveiss\\_v%2005.07.2013.pdf](http://pdeinterativo.mec.gov.br/escolasustentavel/manuais/Manual_Escolas_Sustentaveiss_v%2005.07.2013.pdf)

BUITONI, M. M. S. (Coord.) **Geografia: ensino fundamental**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. 252 p. (Coleção Explorando o Ensino; v. 22).

CALLAI, H. C. **Aprendendo a ler o mundo**: a Geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. In: Cad. Cedes, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago. 2005. (p. 227-247). Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v25n66/a06v2566.pdf>

\_\_\_\_\_. Escola, cotidiano e lugar. In: BUITONI, M. M. S. (Coord.) **Geografia: ensino fundamental**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. (p. 25-42).

HAESBAERT, R. Identidades territoriais. In: ROSENDAHL, Z. & CORRÊA, R. L. (Org.) **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. (p. 169-190).

SANTOS, M. **Por uma Geografia Nova**: da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002. – (Coleção Milton Santos; 2)

SAQUET, M. A. & SILVA, S. S. **MILTON SANTOS: concepções de geografia, espaço e território.** In: Geo UERJ - Ano 10, v.2, n.18, 2º semestre de 2008. (p. 24-42).

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar:** a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

VARGAS, I. A. **Porteiras assombradas do paraíso** - Embates da sustentabilidade socioambiental no Pantanal. Campo Grande/MS. Ed. UFMS, 2010.